



Raça e etnicidade em stuart hall e seu lugar nas ciências sociais brasileiras

Race and ethnicity in stuart hall and its place in brazilian social sciences

Erik W B Borda^a

Resumo

Os Estudos Culturais surgem na Grã-Bretanha do pós-guerra como um movimento intelectual que buscava tratar de um novo modo a “cultura”. Entre os principais autores que se encontravam na formação desse movimento está o jamaicano Stuart Hall, objeto de minha pesquisa de iniciação científica realizada em 2014. Este trabalho tem como meta apresentar os resultados principais dessa investigação, ao mesmo tempo em que visa a lançar uma perspectiva sobre a apropriação da obra do autor pelas áreas da Sociologia e Antropologia no Brasil.

Palavras-chave: Stuart Hall; estudos culturais; estudos pós-coloniais; raça e etnia.

Abstract

The Cultural Studies emerge in postwar Britain as an intellectual movement that sought a new way to treat “culture”. Among the main authors one can find at the formation of this movement there is the Jamaican Stuart Hall, whose work was object of my research of scientific initiation during 2014. This work has as goal to present the main results of that investigation, and at the same time, it seeks to propose a perspective on the appropriation of this author’s work by Brazilian Sociology and Anthropology.

Keywords: Stuart Hall; cultural studies; postcolonial studies; race and ethnicity.

^a Graduado em Ciências Sociais-Sociologia. Pesquisador: pensamento social caribenho e suas interfaces com a diáspora africana, Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, São Carlos, SP, Brasil. Contato: ewbborda@gmail.com



Introdução

O trabalho que aqui se inicia é uma versão reduzida de minha pesquisa de iniciação científica¹, realizada em 2014, e visa a apresentar de forma resumida os principais resultados obtidos nessa investigação. A pesquisa tinha como objetivos principais identificar e dar inteligibilidade aos temas aos quais Stuart Hall se dedicou durante sua carreira, com especial ênfase sobre as temáticas de raça e etnicidade, assim como também analisar as apropriações da obra deste autor por parte da Sociologia e Antropologia brasileiras que se dedicam à pesquisa de tais temáticas. Optou-se aqui por selecionar, em meio a grande quantidade de dados obtidos, os resultados mais relevantes decorrentes do processo investigativo, o que por sua vez levou a dividir esta apresentação em duas partes que remetem aos dois principais objetivos mencionados. Durante a pesquisa foram levantados 317 textos de Hall, originais e traduções, base de onde as reflexões que se seguem partiram. Em primeiro lugar, será discutida a temática de raça e etnicidade em Stuart Hall a partir dos deslocamentos observados em seus tratamentos do tema. O objetivo será menos o de explicar esses deslocamentos, seja em termos biográficos ou históricos, do que simplesmente apresentar as mudanças conforme aparecem em seus escritos. Tal discussão não pretende se passar por um momento de “cesura”, final e definitivo, sobre a temática de raça em Stuart Hall, mas está ela também situada e em concordância com os propósitos mais amplos da pesquisa, de um Stuart Hall situado. Em segundo lugar, serão debatidas as apropriações feitas da obra de Stuart Hall no Brasil, interpretadas desde uma análise dos grupos de pesquisa e programas de pós-graduação nas áreas de Ciências Sociais. Ambas as discussões, em conjunto, permitiram a percepção de tendências na apropriação da obra do autor em nosso contexto nacional, como os trabalhos que são privilegiados e os moldes nos quais se dão essa predileção.

Que Hall é esse em raça e etnicidade?

Durante as investigações sobre a obra de Hall, e principalmente para a periodização que propus acerca de seus trabalhos em temáticas étnico-raciais, operei com as discussões de sua obra levadas a cabo por Eduardo Restrepo (2014), destacando aqui sua periodização da produção de Hall. Segundo Restrepo, a obra de Hall passa por quatro momentos. O primeiro, que compreende o começo dos anos 1950 até o começo dos 1970, trata-se do que ele chama de uma teorização materialista da cultura, e tem como elemento principal a preocupação de Hall com o reducionismo de classe e as concepções elitistas de alta cultura. O segundo, que Restrepo chama de inflexão gramsciana, localiza-se no final dos anos setenta e a década de 1980 e tem como evidência às reflexões sobre hegemonia e o thatcherismo. O terceiro momento, localizado no final dos anos 1980, é caracterizado pela aproximação de Hall do pós-estruturalismo, ilustrada pelas apropriações de Hall de postulados foucaultianos sobre o discurso e de Derrida sobre a *differance*. É a ênfase pós-estruturalista. O quarto e último momento é reconhecido nas reflexões de Hall sobre o pós-colonialismo, e compreende meados dos anos 1990 até a morte do autor – para fins analíticos, situarei dentro de um mesmo momento o terceiro e quarto momentos, uma vez que dentro de uma perspectiva que enfoque raça e etnicidade, a divisão não se faz tão relevante em termos de fundamentação teórica. Há, contudo, uma ressalva importante de Restrepo: “[...] não se devem entender (esses deslocamentos) como rupturas absolutas, mas sim como ênfases diferentes que têm como fio condutor um único estilo de trabalho intelectual

¹ No Hall dos Estudos Culturais no Brasil. Agência de financiamento: FAPESP (BORDA, 2015).

que se mantém através do tempo [...]”² (RESTREPO, 2014, p. 36). Uma vez que Restrepo dá especial atenção aqui aos deslocamentos teóricos da obra de Hall, o invoco como ferramenta metodológica. Não obstante, é necessário reter isso que foi dito sobre o estilo intelectual específico de Hall, pois é justamente da ideia de que, apesar de deslocamentos, podem-se traçar padrões, que esta pesquisa se desenvolveu. Isso significa dizer que, embora haja mudanças na forma de tratamento dos temas, pode-se afirmar que alguns deles não demonstrem tamanha mutabilidade. Ou que, por outro lado, a forma de posicionamento perante esses temas é a mesma. Em todo caso, operarei com a periodização acima para tratar brevemente da obra de Hall acerca de raça e etnicidade.

As fases de sua obra

Esta análise sobre raça e etnicidade em Stuart Hall teve como um dos principais elementos norteadores a percepção de que raça nesse autor está intimamente ligada a sua própria experiência como imigrante das Índias Ocidentais na Inglaterra e, desse modo, também acompanha, para além do conjuntural, o processo de autodescobrimento do autor como “*West Indian*” (HALL, 2009a), caribenho e diaspórico. Não se pode subestimar, como aparenta parte da literatura, a relevância que essa origem caribenha de Hall teve no seu trabalho. De modo geral, os comentários de Hall sobre a interrupção que a questão de raça e do feminismo trouxe ao trabalho que se fazia no Centro (CCCS) foi lido dentro de um quadro de confusão entre vida do autor e trajetória institucional, e portanto, sendo interpretado como uma interrupção também na própria vida intelectual de Hall. Contudo, a história de Hall não é a mesma do centro, e ainda que só em 1970 se encontre o ponto de intersecção entre seu trabalho e o do centro sobre raça e racismo, sua carreira esteve sempre ligada a tais questões, afinal, elas eram parte vital da crítica da Nova Esquerda ao marxismo (GROSSBERG, 2006).

O que chamo a partir do próprio autor de “prisma de formação caribenha” é esse fantasma da diferença, da “outridão”, que permeia seu trabalho de muitas formas. Desde as críticas ao marxismo ortodoxo, por negligenciar o jogo complexo da cultura, até as reflexões mais recentes e evidentes sobre diáspora.

Eu devo dizer que, apesar de em muitos momentos da minha vida eu estar pensando sobre o que muitas pessoas no Caribe pensariam como outros problemas, outros lugares, outros dilemas, parece-me que eu sempre o fiz através do que posso chamar de o *prisma de minha formação caribenha*.³ (HALL, 2007, p. 271).

É arriscado afirmar, logo, que a preocupação com a diáspora é um tema recente no autor pois sempre as reflexões sobre a Terra foram feitas do exterior.

Tudo isso, sem dúvida, explica como minha perspectiva sobre ‘ser um intelectual caribenho’ e minha conceptualização sobre ‘cultura’ adquiriu desde o primeiro momento uma inflexão interrompida e diaspórica.⁴ (HALL, 2007).

² “*Estos desplazamientos no deben entenderse como rupturas absolutas, sino más bien como énfasis diferenciales que tienen como hilo conductor un único estilo de trabajo intelectual que se mantiene a través del tempo [...]*”.

³ “*I have to say that, although in many moments of my life I have been thinking about what many people in the Caribbean would think of as other problems, other places, other dilemmas, it seems to me I have always been doing so through what I can only call the **prism of my Caribbean formation**.*”

⁴ “*All this no doubt explains how my perspective on ‘being a Caribbean intellectual’ and my conceptualization of ‘culture’ acquired from its earliest point so disrupted and diasporican inflexion.*”

A implicação desse quadro para minha pesquisa adquiriu uma influência de cunho epistemológico. Como dito acima, raça e etnicidade em Hall não podem – a não ser com sacrifícios teóricos – ser separados tematicamente pelo fato de se articularem a outros temas nas intervenções do autor. Os textos de Hall são infinitas negociações móveis de conceitos e temas na produção de algo momentâneo que capture a complexidade histórica do presente, produção essa que se converte em mais um eixo das articulações futuras, que aparecerão conforme se desloquem as conjunturas⁵. “*As posições teóricas de Hall são resultado da rearticulação de conceitos desenvolvidos em outras partes.*”⁶ (GROSSBERG, 2006, p. 48) Na pesquisa retornei a esse ponto de modo incessante para recordar dialeticamente do tipo de trabalho intelectual de Hall, e que quando se trata de raça e etnicidade, outro ponto central que se soma à articulação temática discutida é, segundo Lawrence Grossberg (2006.), que esses são temas não apenas indissociáveis de outros temas, *mas indissociáveis também do caráter contextualista dos textos do autor*. Tal ressalva leva Grossberg a defender que a leitura comum, para bem ou para mal, que separou raça e etnicidade em Hall diz respeito ao cenário norte-americano – em especial pela relação entre os estudos negros e afro-americanos com os estudos culturais.

Com o que foi dito acima em mente, trabalhei com o prisma de formação caribenha como um pressuposto epistemológico que visava a separar metodologicamente, para dar conta de um contexto específico, raça e etnicidade em Hall, exatamente ao sinalizar que essas temáticas não podem ser separadas. Isso porque essa separação nesta seção não ganha o tom de uma mera separação temática, mas tem principalmente o objetivo de verificar os intercâmbios que se desenham entre o trabalho geral de Hall e as questões de raça e etnicidade, só que ao invés de discutir as influências daquele sobre este, o alvo passa a ser verificar em que medida o prisma de formação caribenha em sentido amplo é indicativo e influente do próprio estilo de trabalho intelectual de Hall e de seus debates sobre os limites da teoria. Baseada na periodização de Restrepo, as fases apresentadas a seguir tiveram seus nomes escolhidos para marcar as flutuações no próprio senso de si que Hall teve ao longo de sua vida, conforme encarnava, assumia e investia nos diferentes discursos que o classificavam.

A fase imigrante

Stuart Hall tem grandes mudanças em sua vida no que diz respeito ao seu próprio senso de si, tal como se fosse a expressão viva de sua teoria, a qual não poderia deixar de acompanhar as flutuações de sua biografia. Em *Negociando identidades caribenhas*, Hall diz que as identidades que assumiu sempre lhe foram oferecidas por outros, antes que ele pudesse ter qualquer tipo de identificação. Certa feita, quando visitava sua família na Jamaica pela primeira vez, em meados dos anos 1960, seus pais lhe disseram: “*Espero que por lá não pensem que você seja um desses imigrantes.*” (HALL, 2010a, p. 410) Ao que Hall comenta:

O engraçado é que eu nunca antes tinha me chamado de imigrante, ou me pensando como um imigrante. Mas tendo sido chamado ou interpelado, o aceitei imediatamente: é isso o que sou. Nesse momento, migrei.”⁷ (HALL, 2010a).

É nesse momento que temos o que chamo esquematicamente de a fase imigrante de Stuart Hall.

⁵ Sobre a preocupação de Hall com o conjuntural ver: Restrepo, Walsh e Vish (2010), Restrepo (2014), Alexander (2011), Mato (2014), Grossberg (2006), Grossberg e Slack (1985), Procter (2004) e o próprio Hall (2009a, 2007).

⁶ “*Las posiciones teóricas de Hall suelen ser resultado de la rearticulación de conceptos desarrollados en otras parte*”

⁷ “*Y lo gracioso es que yo nunca antes me había llamado a mí mismo, o pensado acerca de mí mismo como un inmigrante. Pero habiendo sido llamado o interpelado, lo acepté inmediatamente: eso es lo que soy. En ese momento migré.*”

Não são muitos textos dessa fase do trabalho de Hall sobre raça, sendo considerados os principais *The Young Englanders* (HALL, 1967) e *Black Britons* (HALL, 1970). Sobre essa primeira fase da obra racial de Hall é central seu engajamento com os problemas subjacentes à integração dos imigrantes das Índias Ocidentais na sociedade britânica do pós-guerra. Em *Young Englanders*, Hall lança luz sobre as dificuldades enfrentadas pelos por jovens imigrantes nessa sociedade, os quais têm que negociar seu território e sua tradição cultural com as da terra que os recebe e as novas experiências oriundas do contato. É interessante notar que esse senso de deslocamento ganha sentido na obra posterior de Hall como a experiência pós-moderna por excelência, algo que é possível perceber em textos posteriores, como *Minimal Selves* (HALL, 1988).

Como há o foco de Hall no contextual, não é de se surpreender que as discussões sobre o mesmo fenômeno ganhem diferentes significados em diferentes conjunturas. Em *Black Britons* e *Young Englanders*, Hall preocupa-se em mostrar nesses escritos, que partem de suas experiências nas décadas de 1950 e 1960, que há uma população britânica e negra que deve ser considerada, uma população que não é simplesmente de “fora”, mas que ao mesmo tempo *veio para ficar*, que coloca seus filhos nas escolas inglesas, que frequenta os mesmos hospitais que a população local. É o que Hall chama em uma entrevista (HALL, 2005) de o momento pós-colonial por excelência, a explosão da diferença que estava nas margens para dentro do centro. O deslocamento do Império.

O problema da diáspora, nesse sentido, embora ganhe sistematização na última fase da vida de Hall, aparece de forma latente nesses primeiros escritos sobre a questão racial – ainda que consideremos que Hall nunca tenha trabalhado com raça enquanto uma subcategoria, mas sempre tratando toda uma formação social que está racializada (GROSSBERG, 2006). A atenção sobre a fase imigrante de Hall, pois, serve-nos para mostrar que o mínimo de consciência do deslocamento sempre esteve presente no autor, que diz em uma entrevista sempre ter encarado o cenário da política britânica de um ponto de vista diferente (HALL, 2009b), o prisma de formação caribenha. Desse modo, o encontro do autor com os caribenhos expatriados precede em muito sua intervenção em *Policing the Crisis* (ALEXANDER, 2011), tal como costumam pensar alguns comentadores de sua obra.

A fase negra

A fase negra de Hall se confunde com a virada à Gramsci, à teoria, com o trabalho desenvolvido no CCCS, naquilo que poderíamos qualificar como o momento mais acadêmico de Stuart Hall. Após a viagem do qual volta com o senso de si como imigrante, Hall retorna à Jamaica pouco tempo depois para mais deslocamento identitário, que será aqui a marca do tipo de intervenção do autor na segunda fase. Dessa vez, o que seus pais disseram foi: “*Existe toda essa consciência negra, esse movimento negro nos Estados Unidos; espero que não esteja tendo muita influência por lá*”. Ao que Hall comenta: “[...] *me dei conta que acabava de mudar de identidade outra vez. Confessei uma vez mais e disse: ‘na verdade, sou exatamente o que na Grã-Bretanha estamos começando a chamar de ‘negro’ [...]*”⁸ (HALL, 2010a, p. 410)

O contexto em que se desenvolve a segunda fase de Hall é o da publicação de *Policing the Crisis*. Além disso, globalmente do ponto de vista racial, o clima da década de 1960 e 1970 foi perpassado pelo movimento por direitos civis nos EUA e pelas lutas de descolonização em África, que tiveram influência nas intervenções da Nova Esquerda no período subsequente. O livro multi-autoral *Policing the Crisis*, assim, foi uma intervenção no discurso racial desse período, embora não tenha sido esse seu objetivo inicial. “*O livro começou com assaltos (mugging),*

⁸ “*Así que no fue hasta mediados de los años sesenta, en otra visita a casa, que mis padres me dijeron: ‘Existe toda esta conciencia negra, este movimiento negro en los Estados Unidos; espero que no estés teniendo mucha influencia por allá’, y me di cuenta que acababa de cambiar de identidad otra vez. Confesé una vez más y dije: ‘En realidad, yo soy exactamente lo que en Gran Bretaña estamos empezando a llamar negro’.*”

mas terminou em outro lugar”. A grande preocupação dos autores era verificar as formas em que certos problemas sociais mais gerais se condensavam na forma do “mugging”. Segundo os autores, os

[...] temas de raça, crime e juventude – condensados na figura do ‘assalto’ – servem como articulador da crise, seu condutor ideológico. [...] Essas são algumas das coisas que querem dizer por “assalto” como um fenômeno social. Esse é o porquê do estudo do assalto os ter levado inevitavelmente à crise de hegemonia geral da Grã-Bretanha dos anos 1970.”⁹ (HALL et al., 1978, p. viii).

Policing the Crisis foi fundamental para deslocar, segundo Alexander (2011), o trabalho do CCCS para longe dos estudos sobre assimilação, integração e o “problema do imigrante”, em direção ao reconhecimento do papel do discurso, da representação e de suas implicações para a sociedade de lei e ordem (law and order) emergente. Stuart Hall vê essa obra como exemplar do que é fazer estudos culturais, ou em suas palavras, “trabalho intelectual sério”, da qual um dos traços foi não isolar raça como um simples problema negro:

Se só tivessem tomado raça como um problema negro, teria visto o impacto da lei e das políticas da ordem nas comunidades locais, mas nunca teriam visto até que ponto os problemas de raça e do delito eram um prisma de uma crise social muito maior. Não teriam visto a imagem maior. Teriam escrito um texto negro, mas não teriam escrito um texto sobre estudos culturais, porque não teriam visto essa articulação para acima dos políticos, nas entidades judiciais, até abaixo, no caráter popular da gente, na política, assim como na comunidade, na pobreza e na discriminação para com os negros.¹⁰ (HALL apud GROSSBERG, 2006, p. 55-56).

Logo, o ponto importante de raça na segunda fase de Hall, que acompanha o surgimento de sua identidade racial de “negro” – que não foi meramente uma descoberta de uma base epidérmica sempre presente, mas apenas pôde surgir em um contexto histórico-social específico –, é o tratamento dessa variável como um elemento central para a análise crítica das formações sociais. Outro texto significativo desse movimento das reflexões do autor nesse período que deve ser mencionado é *Race, articulation and societies structured in dominance* (HALL, 1980a), no qual Hall tenta principalmente questionar paradigmas interpretativos hegemônicos no tratamento da questão racial em vista de apresentar uma nova perspectiva, altamente influenciada por Gramsci, que vê questões de raça e etnicidade como uma *articulação* complexa entre bases materiais e fenômenos culturais, e ao mesmo tempo, estruturantes da própria realidade social.

A fase diaspórica

A fase diaspórica de Hall é assim classificada porque sua experiência passa a ser vista através desse conceito. É nessa fase que reflexões anteriores são reavaliadas à luz de transformações do final do século XX e da apropriação por parte de Hall de novos postulados teóricos, em geral oriundos da teoria pós-colonial e do pós-estruturalismo. Diferentemente das fases anteriores,

⁹ “It tries to examine why and how the themes of race, crime and youth - condensed into the image of ‘mugging’ - come to serve as the articulator of the crisis, as its ideological conductor. [...] These are some of the things we mean by ‘mugging’ as a social phenomenon. It is why a study of ‘mugging’ has led us inevitably to the general ‘crisis of hegemony’ in the Britain of the 1970s.”

¹⁰ “Si sólo hubieran tomado la raza como un problema negro, habrían visto el impacto de la ley y las políticas del orden en las comunidades locales, pero nunca han visto hasta qué grado los problemas de la raza y el delito eran un prisma de una crisis social mucho mayor. No habrían mirado la imagen mayor. Habrían escrito un texto negro, pero no habrían escrito un texto sobre estudios culturales porque no habrían visto esta articulación hacia arriba de los políticos, en las entidades judiciales, hasta abajo del carácter popular de la gente, en la política, al igual que en la comunidad, en la pobreza y en la discriminación hacia los negros.”

não é resultada de uma interpelação direta, mas de um longo processo de autodescobrimento que começa a fazer sentido nesse momento. É apenas agora que Hall consegue dar voz a certos sentimentos de longa data que não conseguiam expressão de maneira adequada com outros conceitos e em outras conjunturas. Como dito, o prisma de formação caribenha, a origem deslocada, cindida, dupla, e por que não, diaspórica, sempre esteve presente em Hall desde que chegou à Inglaterra. No entanto, essa experiência ganha um significado novo nessa fase especificamente. Do ponto de vista de seu trabalho, há o descobrimento crítico das relações históricas dos imigrantes caribenhos com África, com o passado colonial, assim como a leitura de todos esses processos como indissociáveis. As identidades de Hall, suas “fases”, seu pensamento, não foram – isso é importante – simplesmente trocadas ou descartadas, mas muito mais sobrepostas, articuladas na composição de algo novo, uma “nova etnicidade”. O que chamo de fase diaspórica é essa problematização no trabalho de Hall das antigas posições, simboliza a (re)emergência da identidade na política e na análise cultural de maneira deslocada – em grande parte pelas reconceptualizações do termo pelo feminismo e a psicanálise –, revelando as formas complexas de construção de nós mesmos. Hall passa a ver a si próprio e os outros imigrantes, por exemplo, a partir da constatação que eles sempre estiveram, metaforicamente e simbolicamente, na Inglaterra. Eram “[...] *o açúcar no fundo de uma xícara de chá inglesa [...], a debilidade pelo doce, as plantações de açúcar que apodreceram gerações de dentes de meninos ingleses.*”¹¹ (HALL, 2010b, p. 321).

A entrevista de Hall concedida a Kuan Hsing Chen, publicada em 1996, inicia de maneira sintomática com o comentário de Chen sobre a obra de Hall:

Em seu último trabalho sobre raça e etnia, a diáspora parece ter se tornado uma figura central – um dos pontos críticos sobre o qual a questão da identidade cultural é articulada; em certos momentos, fragmentos de sua própria experiência diaspórica foram narrados de forma impactante, para abordar problemáticas políticas e teóricas. (HALL, 2009b, p. 385).

Essa passagem é de particular importância pois destaca um elemento que causa uma relativa confusão na interpretação dos escritos de Hall dessa fase, o da pretensa dissociação de raça e etnicidade da discussão do autor sobre identidade cultural. Na verdade, o tema da identidade aparece de forma intimamente vinculada à raça e etnicidade, e provavelmente emerge da atenção sobre essas questões e suas transformações no final do século XX. Quase uma década antes das intervenções mais conhecidas de Hall sobre identidade, tais como: *A identidade cultural na pós-modernidade* e *Quem precisa de identidade?*, o autor publica em *Minimal Selves* (HALL, 1988) uma breve discussão sobre identidades justamente a partir da experiência dos jovens negros, e dois anos após esse texto, aparece *Cultural identity and diaspora*, no qual Hall tenta debater a questão da identidade cultural a partir de algumas lições que o Caribe pode nos dar, decorrentes da formação diaspórica dessa parte de mundo. É como se a diáspora inserisse no processo de construção de identidades uma interrupção, que opera no caso das identidades negras do Caribe por dois eixos de vetores simultâneos, centrípetos e centrífugos, um de “*similaridade e continuidade*” e outro de “*diferença e ruptura*” (HALL, 2010c, p. 352). Assim, a visão de identidade como ponto de sutura, uma contribuição importante de Hall, aparece fortemente ligada à discussão sobre raça, etnicidade e diáspora, antes de seu desenvolvimento mais elaborado em *Who needs “identity”?*, de 1996. As identidades são construídas processualmente em meio a um jogo de forças complexo entre subjetividade e cultura, passado e futuro, diferença e similaridade.

Em *Old and New Identities, Old and New Ethnicities*, de 1991, essa concepção alargada do que é etnicidade para Hall, em estreita conexão com a identidade, se torna evidente.

¹¹ “*Soy el azúcar en el fondo de una taza de té inglesa. Soy la debilidad por el dulce, las plantaciones de azúcar que pudrieron generaciones de dientes de niños ingleses.*”



As antigas identidades e etnicidades, para o autor, eram muito baseadas em uma concepção de similaridade, de que existe em algum ponto do passado algo que faz de todos nós, apesar das diferenças, *um*. Para Hall, nos novos tempos surgem novas concepções de identidade e etnicidade, que vivem

[...] através da diferença. É a política de reconhecer que todos estamos compostos de múltiplas identidades sociais, e não uma. Que todos fomos construídos de maneira complexa, através de diferentes categorias [...] e que todas podem ter o efeito de nos localizar socialmente em múltiplas posições de marginalidade”¹². (HALL, 2010b, p. 328).

Para os debates de nossa pesquisa, essa concepção de etnicidade traz, além da óbvia relação entre raça, etnicidade, identidade e poder na obra de Hall, outra implicação fundamental. Ela afasta Hall da interpretação de que sua concepção de identidade/eticidade teria vindo da Antropologia, e que seria “pouco original”, como se defende na passagem a seguir:

O fato é que o conceito de cultura antropológico perde espaço sistemático para um conceito de identidade. [...] Entram em campo, então, concepções de identidade que muito devem à antropologia, mas que pouco reconhecem este fato. A noção de identidade de Stuart Hall, por exemplo, tem grande influência sobre a produção da escrita antropológica, ocupando o lugar de destaque em vários textos recentes. É como se tratasse de uma grande novidade. (MACHADO, 2004. p. 21).

A interpretação equivocada que vincula a perspectiva de Hall a outras anteriores ignora o que há de radicalmente transgressor em sua proposta, que é o jogo complexo e inter cruzado de diferenças operando na construção de identificações politicamente relevantes. Não se trataria, assim, de uma releitura da noção de etnicidade para Fredrik Barth (1997), por exemplo, mas de uma nova intervenção. As novas etnicidades, para Hall, não são resultado de uma mera posição analítica com relação a uma problemática, mas bem mais uma resposta política aos dilemas do mundo globalizado:

Ao final do meu discurso tive que formular a pergunta de se há uma política, na verdade, uma *contrapolítica* do local. Se estão em funcionamento novos globais, novos locais, quem são os novos sujeitos dessa política de posição? Em que identidades concebíveis poderiam aparecer? Pode a própria identidades se repensar e se reviver na diferença e através dela?¹³ (HALL, 2010b, p. 315).

Do ponto de vista da questão racial é também importante sinalizar que as leituras pós-estruturalistas da fase diaspórica de Hall trouxeram uma problematização significativa das políticas de identidade e de representação. O pós-estruturalismo e o pós-colonialismo foram centrais para a elaboração original de Hall da política de localização. Esses dois movimentos intelectuais que marcam a fase diaspórica aparecem de maneira interligada em sua obra. Para Hall, o pós-colonial, longe de simbolizar um período histórico, é um gesto

¹² “Eso es la política de vivir la identidad a través de la diferencia. Es la política de reconocer que todos nosotros estamos compuestos por múltiples identidades sociales, y no por una. Que todos fuimos construidos de manera compleja, a través de diferentes categorías, diferentes antagonismos, y éstas pueden tener el efecto de localizarnos socialmente en múltiples posiciones de marginalidad y subordinación, pero que todavía no actúan sobre nosotros de exactamente la misma manera.”

¹³ “Al final de mi discurso, sin embargo, tuve que formular la pregunta de si hay una política, en realidad, una contra-política de lo local. Si están en funcionamiento nuevos globales y nuevos locales, ¿quiénes son los nuevos sujetos de esta política de posición? ¿En qué identidades concebibles podrían aparecer? ¿Puede la identidad misma repensarse y revivirse, en la diferencia y a través de ella?”



desconstrutivo, no sentido derridiano, que coloca “sob rasura” as narrativas eurocentradas. “Por trás do termo [pós-colonial] há uma escolha mais profunda de epistemologias: entre uma lógica racional e sucessiva e outra desconstrutora.” (HALL, 2009c, p. 114) Nessa epistemologia, diáspora e raça jogam papel central, revelam a história oculta, negra, da história inglesa. A leitura pós-estruturalista e pós-colonial revelam que o ocidente e o resto são dois lados da mesma moeda, que a Europa está sujeita à política de localização assim como os indivíduos e enuncia seus discursos desde essa posição específica. Na fase diaspórica, pois, debates e preocupações anteriores voltam e são reorganizados a partir de novas premissas e temas.

Hall nas Ciências Sociais brasileiras

Foram levantados 78 grupos de pesquisa no CNPq que se dedicam ao tema de raça e etnicidade. O levantamento foi feito através de palavra-chave na plataforma. Em seguida, foram verificadas as citações de obras de Stuart Hall nos trabalhos dos membros e líderes desses grupos de pesquisa, trabalhos esses levantados a partir do Scielo e da BDTD. Por fim, foi verificada a presença de Hall na bibliografia de programas de pós-graduação em Sociologia e Antropologia no Brasil. A escolha de citações como métrica para a análise se deu devido ao fato de que elas permitem indicar tendências pela capacidade de serem manipuladas quantitativamente, como se verá abaixo. Uma consideração importante sobre essa escolha metodológica desponta do caráter de iniciação científica desta investigação, que impede uma análise bibliográfica e qualitativa da produção dos grupos de pesquisa e dos programas de pós-graduação levantados.

A partir da observação dos grupos, os dados obtidos foram organizados na Tabela 1.

Começarei pela quantidade de citações de cada obra em particular encontrada nos grupos. Salta à vista, imediatamente, que a obra *A identidade cultural na pós-modernidade* lidera a lista de citações, algo que se reproduz quando se consideram as palavras-chave em sua particularidade. Considerando a totalidade dos trabalhos consultados, *A identidade cultural na pós-modernidade* corresponde a 56 das 125 citações, ou seja, cerca de 44,8% do total. Quando se considera a área de relações raciais especificamente, que metodologicamente é a soma das palavras-chave relações raciais + relações étnico-raciais, observa-se que essa obra corresponde a 36 das 69 citações, 52,17%. É interessante também notar que nesse primeiro panorama, *Da Diáspora* aparece com cifras muito parecidas, tanto do ponto de vista geral quanto de relações raciais, correspondendo a 27,2% e 26% do total de citações, respectivamente. O Gráfico 1 apresenta esses dados.

Tabela 1. Relação de grupos em que Stuart Hall foi encontrado por palavra-chave.

Palavra-chave	Número de grupos	Grupos em que Hall foi encontrado	Porcentagem
Estudos Culturais	18	4	22%
Stuart Hall	2	1	50%
Relações raciais	23	13	56,5%
Relações étnico-raciais	13	6	46,1%
Relações Raciais (raciais + étnico-raciais)	36	19	52,7%
Diáspora	14	7	50%
Pós-Colonial	8	4	50%
No total	78	35	45%

Como se poderá comprovar nos Gráficos 2-4 a seguir, o padrão nas citações encontrado em âmbito geral e particular, ou seja, nas relações raciais, também se manifesta quando se consideram outras variáveis, como a dispersão cronológica das citações de Hall nas fontes pesquisadas.

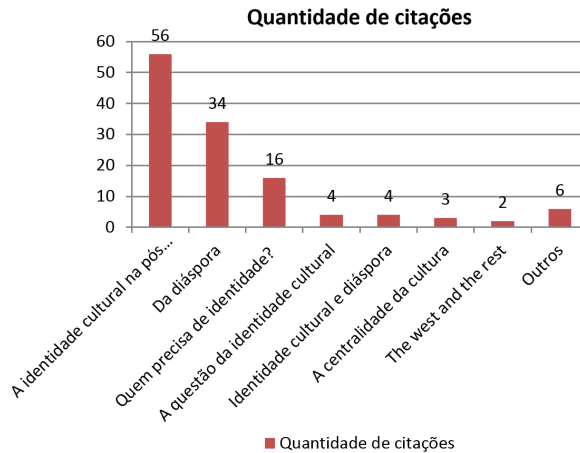


Gráfico 1. Quantidade de citações de Stuart Hall em geral.

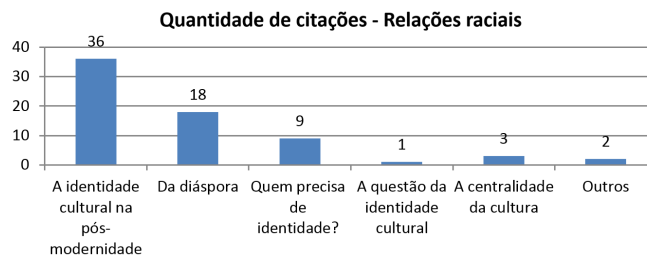


Gráfico 2. Quantidade de citações de Stuart Hall em relações raciais.

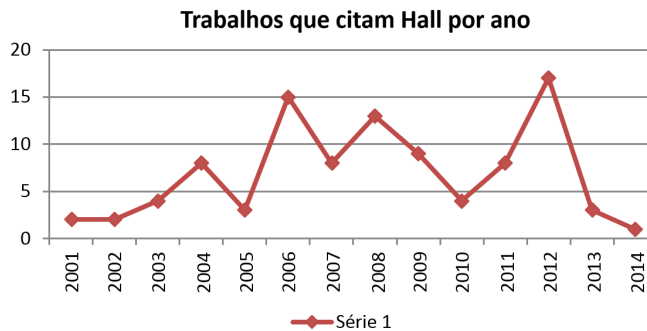


Gráfico 3. Frequência cronológica das citações.

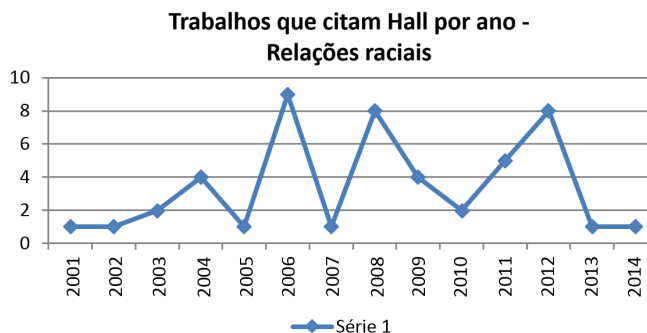


Gráfico 4. Frequência cronológica das citações em relações raciais.

De tais gráficos se podem desprender algumas observações. Em primeiro lugar, observa-se, como foi dito, que considerando-se os grupos de pesquisa, as obras mais trabalhadas são, de longe, *A identidade cultural na pós-modernidade* e *Da Diáspora*. Em segundo lugar, que existem certos padrões que se reproduzem nas palavras-chave no tocante à apropriação de Hall, como por exemplo, quando considerados em triênios, as citações mostram uma tendência de crescimento em seu número, ainda que seja irregular. Diante desses padrões, pois, é necessário se perguntar se as áreas disciplinares jogam algum papel importante. Há diferença no tratamento dado a obra de Hall por parte da Antropologia e da Sociologia nas bases pesquisadas? Na Tabela 2 se pode ver que, do ponto de vista geral, o número de grupos de estudo em Antropologia e Sociologia que trabalham com a obra de Hall é praticamente o mesmo. No entanto, quando nossa atenção se desloca às relações raciais especificamente (Tabela 3), os números são radicalmente distintos, e revelam que, pelo menos dentro desse escopo, a Sociologia tende a operar mais com a obra de Stuart Hall.

Na Tabela 4 temos a relação das obras mais citadas pelos grupos em Antropologia e Sociologia. Ao todo foram 122 citações, sendo 57 por parte da Sociologia e 65 por parte da Antropologia. Como corresponde, em ambos os casos a obra mais citada foi *A identidade cultural na pós-modernidade*, com cifras próximas nas duas disciplinas.

Sobre os programas de pós-graduação, como dissemos, foram verificados todos nas duas áreas pesquisadas, Sociologia e Antropologia. Dos 52 programas em Sociologia, 6 deles selecionaram alguma das obras de Stuart Hall para o processo de seleção dos alunos.

- PPCIS - Ciências Sociais = UERJ (*Da Diáspora*)
- POSCS - Ciências Sociais = UNESP – Marília (*A identidade cultural na pós-modernidade*)
- MAPPS - Políticas públicas e sociedade = UECE (*A identidade cultural na pós-modernidade*)
- PGSOCIO - Sociologia = UFPR (*Da Diáspora*)
- PPGS - Sociologia = UFSCar (*Da Diáspora*)

Tabela 2. Stuart Hall em grupos da Antropologia e Sociologia.

Área	Com Stuart Hall	Sem Stuart Hall	Total de grupos
Antropologia	17 (44,7%)	21 (55,3%)	38
Sociologia	18 (46,1%)	21 (53,9%)	39

Tabela 3. Stuart Hall em grupos da Antropologia e Sociologia na área de relações raciais.

Área	Com Stuart Hall	Sem Stuart Hall	Total de grupos em relações raciais
Antropologia	6 (37,5%)	10 (62,5%)	16
Sociologia	12 (60%)	8 (40%)	20

Tabela 4. Obras mais citadas de Stuart Hall em Antropologia e Sociologia.

Obra	Antropologia	Sociologia
<i>A identidade cultural na pós-modernidade</i>	28 (43%)	28 (49,2%)
<i>Da Diáspora</i>	20 (30,7%)	14 (24,5%)
<i>Quem precisa de identidade?</i>	6 (9,2%)	9 (15,7%)
<i>A centralidade da cultura</i>	–	3 (5,3%)
<i>A questão da identidade cultural</i>	3 (4,7%)	–
<i>Identidade cultural e diáspora</i>	3 (4,7%)	1 (1,75%)
Outros	5 (7,7%)	2 (3,55%)



Na área de Antropologia, por sua vez, são 27 programas listados, dos quais 3 continham obras de Hall na bibliografia do processo seletivo.

- PPGA - Antropologia = UFBA (*Da Diáspora*)
- PPGAS - Antropologia = USP (*A identidade cultural na pós-modernidade*)
- PPGAN – Antropologia = UFMG (*A identidade cultural na pós-modernidade*)

Considerações sobre a apropriação

Dos dados expostos na seção anterior se podem retirar algumas considerações fundamentais, das quais darei destaque aqui a duas. Em primeiro lugar, temos que a apropriação de Hall se dá de maneira seletiva. Não só *A identidade cultural na pós-modernidade* e os textos contidos em *Da Diáspora* ocupam a maior parte das citações nas bases consultadas, como foi dito, mas são em grande parte também expressivos de um momento específico da obra de Hall, não compreendendo a variabilidade que acompanha sua obra. No Brasil assistimos a um fenômeno, pois, muito similar ao que comenta Claire Alexander sobre as apropriações de Hall no contexto anglófono. Segundo a autora, muitas vezes a visão de Hall da teoria como uma “caixa de ferramentas” influenciou a forma em que se deu sua apropriação, mas não sem problemas, uma vez que ao mesmo tempo em que deu origem a um trabalho inovador e importante, extirpou a profundidade dos originais, reduzindo-os a uma forma de atalho conceitual ou conveniência (ALEXANDER, 2011, p. 459).

No caso brasileiro somado a essa observação temos o fato de que, de modo geral, os trabalhos de Hall apropriados são muito limitados por suas traduções. No levantamento realizado, apenas 6 trabalhos de Hall não estavam em língua portuguesa. Em certo sentido, tal consideração pode servir para problematizar a hipótese de Liv Sovik acerca do sucesso de *Da Diáspora*, a qual afirma que

[...] talvez seja porque as temáticas que Hall trabalhava a partir de meados dos anos 80 dizem respeito à vida cultural brasileira que Stuart Hall teve tanta ressonância aqui, pois a partir dessa época ele se preocupou explicitamente com questões identitárias negras. (SOVIK, 2014, p. 12).

Contrariamente ao exposto, é possível que a ressonância tenha se dado não por uma afinidade temática (ou pelo menos não só), mas pelo fato de terem sido aqueles textos que foram traduzidos e não outros, uma vez que diversos outros textos importantes sobre identidades negras não estão disponíveis em língua portuguesa.

Além disso, é possível se questionar os modos como se deu tal ressonância, sendo ela muito mais marcada por uma apropriação ambivalente e que seleciona principalmente um momento específico da obra de Hall, aquele de, em nossa classificação, sua última fase. Nas leituras brasileiras perdem-se de vista muitas das contribuições anteriores do autor que são centrais para se compreender seu tipo de trabalho intelectual e o lugar de onde surgiram, de fato, as intervenções mais conhecidas no caso nacional. Apesar de a primeira tradução de um texto de Hall ao português datar de 1980, *O interior da ciência: ideologia e sociologia do conhecimento* (HALL, 1980b), esse texto apenas foi citado uma única vez em nosso levantamento. Fica evidente, pois, uma opção tácita de selecionar um momento e um tipo de reflexão de Hall, embora em *Da Diáspora* alguns textos de momentos anteriores sejam incluídos, como os de reflexão sobre mídia. Mas tratando-se de raça e etnicidade, foco desta pesquisa, os textos traduzidos e citados correspondem ao que foi classificado como a terceira fase da obra de Hall – com a



única exceção de *A relevância de Gramsci para o estudo de raça e etnicidade* –, e portanto, não abrangem o desenvolvimento do tema no autor. Como não foi possível se verificar as formas em que se deu as apropriações, de Hall, ou seja, a leitura dos trabalhos levantados nos grupos de pesquisa não é possível saber que tipo de leitura está sendo feita, e nesse sentido contamos aqui apenas com hipóteses um tanto esquemáticas sobre a questão a partir das tendências que revelam os dados. Por exemplo, devemos considerar que a tradução de Tomás Tadeu de *A identidade cultural na pós-modernidade* pode implicar na leitura equivocada do autor como um pós-moderno, e do restante de sua obra a partir dessa intervenção. Em todo caso, necessitam-se mais estudos para verificar esse ponto.

A segunda consideração, por sua vez mais evidente, que se pode retirar a partir dos dados é que há, de fato, uma apropriação em curso da obra de Hall no Brasil, apropriação essa que aparenta ser crescente. Ainda que tal se dê de maneira seletiva, escritos de Stuart Hall já se fazem presentes em editais de seleção de programas de mestrado e doutorado país afora. No que concerne aos grupos pesquisados, vimos que quase metade (45%) deles lida de alguma maneira com a obra Hall, o que significa confirma a hipótese implícita no projeto de que Hall está tem um impacto relevante nas Ciências Sociais brasileiras, em especial nas áreas que se dedicam ao estudo de raça e etnicidade. Digo Ciências Sociais brasileiras – desse modo, amplo – pois a dispersão dos grupos levantados e que trabalham com a obra do autor não é orientada por nenhuma fundamentação geográfica ou institucional. Tampouco as áreas disciplinares jogam um papel determinante na leitura/tipo de leitura que é feito de Stuart Hall, ainda que a Sociologia se mostre relativamente mais simpática do que a Antropologia. Como resultado do segundo eixo da pesquisa, assim, constatei que a partir das bases analisadas, a obra de Hall tem despertado um interesse crescente por parte da Antropologia e Sociologia brasileiras, em especial no tocante às intervenções acerca das temáticas de raça etnicidade. Nesse interesse, são privilegiados textos posteriores da vida do autor, principalmente suas traduções. Com relação ao primeiro eixo da pesquisa, pôde-se observar que as obras correspondem a mais ou menos 6,3% dos escritos ao autor, considerando as 20 traduções ao português em relação aos 317 trabalhos levantados.

Referências

ALEXANDER, C. Introduction. In: ALEXANDER, C. *Stuart Hall and race*. London: Routledge, 2011.

BARTH, F. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, P. *Teorias da etnicidade*. São Paulo: Editora UNESP, 1997.

BORDA, E. W. B. *No hall dos estudos culturais no Brasil*. 2015. 80 f. Monografia (Graduação em Ciências Sociais)–Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015. Disponível em: <https://www.academia.edu/16463040/No_Hall_dos_Estudos_Culturais_no_Brasil>. Acesso em: 5 out. 2015.

GROSSBERG, L. Stuart Hall sobre raza y racismo: estudios culturales y la práctica del contextualismo. *Tabula Rasa*, n. 5, p. 45-65, 2006.

GROSSBERG, L.; SLACK, J. An Introduction to Stuart Hall's essay. *Critical Studies in Mass Communication*, Annandale, v. 2, n. 2, p. 87-90, 1985. <http://dx.doi.org/10.1080/15295038509360069>.

HALL, S. et al. *Policing the crisis: mugging, the state and law and order*. London: MacMillan, 1978.



HALL, S. *The young englishers*. London: National Committee of Commonwealth Immigrants, 1967.

HALL, S. Black britons. *Community, Local*, v. 1, n. 2-3, 1970.

HALL, S. Race, articulation, and societies structured in dominance. In: UNITED NATIONS EDUCATIONAL SCIENTIFIC AND CULTURAL organization – UNESCO. *Sociological theories: race and colonialism*. Paris: UNESCO, 1980a.

HALL, S. O interior da ciência: ideologia e sociologia do conhecimento. In: CENTRE FOR CONTEMPORARY CULTURAL STUDIES – CCCS. (Org). *Da ideologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980b.

HALL, S. Minimal selves. In: BHABHA, H. K. (Ed.). *Identity: the real me*. London: Institute of Contemporary Arts, 1988.

HALL, S. *Les “post colonial studies” en débat*. Paris: Centre Pompidou, 2005. Entrevista. Disponível em: <<https://www.centrepompidou.fr/cpv/resource/cynz4K4/rrbeyLq>>. Acesso em: 5 out. 2015.

HALL, S. Epilogue: through the prism of an intellectual life. In: MEEKS, B. (Ed.). *Culture, politics, race and diaspora*. Kingston: Ian Randle Publishers, 2007.

HALL, S. Estudos culturais e seu legado teórico. In: HALL, S. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009a.

HALL, S. A formação de um intelectual diaspórico: uma entrevista com Stuart Hall, de Kuan Hsing Chen. In: HALL, S. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009b.

HALL, S. Quando foi o pós-colonial?: pensando no limite. In: HALL, S. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009c.

HALL, S. Negociando identidades caribeñas. In: RESTREPO, E.; WALSH, C.; VISH, V. (Eds.). *Sin garantías: trayectorias y problemáticas en estudios culturales*. Popayán: Enviñon Editores, 2010a.

HALL, S. Antiguas y nuevas identidades y etnicidades. In: RESTREPO, E.; WALSH, C.; VISH, V. (Eds.). *Sin garantías: trayectorias y problemáticas en estudios culturales*. Popayán: Enviñon editores, 2010b.

HALL, S. Identidade cultural e diáspora. In: RESTREPO, E.; WALSH, C.; VISH, V. (Eds.). *Sin garantías: trayectorias y problemáticas en estudios culturales*. Popayán: Enviñon editores, 2010c.

MACHADO, I. J. R. Reflexões sobre o pós-colonialismo. *Teoria e Pesquisa*, São Carlos, v. 44-45, p. 19-32, 2004.

MATO, D. Stuart Hall on “doing cultural studies”. *Inter-Asia Cultural Studies*, Local, v. 15, n. 2, p. 202-204, 2014. <http://dx.doi.org/10.1080/14649373.2014.917862>.

PROCTER, J. *Routledge critical thinkers: Stuart Hall*. London: Routledge, 2004.

RESTREPO, E.; WALSH, C.; VISH, V. Práctica crítica y vocación política: pertinencia de Stuart Hall en los estudios culturales latinoamericanos. In: RESTREPO, E.; WALSH, C.; VISH, V. (Eds.). *Sin garantías: trayectorias y problemáticas en estudios culturales*. Popayán: Enviñon Editores, 2010.



RESTREPO, E. Stuart Hall: momentos de su labor intelectual. *Papeles de Trabajo*, Local, v. 8, n. 14, p. 34-49, 2014.

SOVIK, L. Stuart Hall a partir do Brasil. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 23., 2014, Belém. *Anais...* Belém: UFPA, 2014.

Recebido: 05 out., 2015
Aceito: 03 nov., 2015